Correio das Artes

Ano I *Número 31* SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" *Domingo, 23-10-1949*

VINHETA DE HERMANO JOSE'

O TEMPO DE RIMBAUD

DANIEL ROPS

Nossa época está dominada por uma sombra profética, a de uma criança de olhos de pervinca que ousou defrontar-se com Deus.

Sorvendo na unica fonte de uma inquietude adolescente, ela ilumina tão bem nosso drama que não falta mesmo aos simples aspectos dêste a marca de sua chancela; mais ainda, só num universo onde reinasse o mais puro determinismo, ela teria compreendido o significado das tragédias que advinha no futuro, seu misterioso poder de atração espiritual.

Raro privilégio da altissima poesia: ela capta tão profundamente o essencial que, para além das aparências efêmeras, tira as consequencias fatais de uma irrecusavel realidade. Há sessenta anos ou mais que Arthur Rimbaud, renunciando ao que êle não queria chamar sua obra apelava para o silêncio e para a repulsa. Mas, do gaguejar que se escapa de seus lábios, ainda hoje nos atingem palavras carregadas não se sabe de que fôrça de elucidação. Entre seus textos e nossa época existe uma finalidade que a lógica não registra. Imagens de sangue, "féeries scientifiques" que são como a caricatura das inocências impossiveis, horror de um século povoado pelo demônio do util tudo está nele, tudo nêle se encontra com um complexo que nós conhecemos.

Mesmo a atitude que êle adota tambem não nos é estranha. São hoje inumeros os herdeiros de Rimbaud. "A existência enraivecida, a colera no sangue, quantos de nossos contemporaneos não a conhecem? A consciencia lúcida da "Condição humana", á que se aplica Malraux, o não querer ser ludibriado pelas servidões da sociedade e de seus artifícios, não são senão o ponto de partida do adolescente prodigio. O desespero do absurdo de que se alimentou toda uma geração de jovens romancistas, se encontra em todos os aspectos das "Illuminations" e dos "Vers de Jeunesse". A descoberta que perturba o "Caligula" de Albert Camus de que o homem morre e não é feliz, a criança sonhadora das margens do Meuse já lhe sofria a amargura, e talvês o que há de mais comovente na obra de Sartre se resume nessa formula irônica e desesperada do poéta: "que tédio, hora do "caro corpo" e do "caro coração".

Devemos, no entanto, dizer que em todos os que mesmo sem saber, procedem do seu gênio, não reconhecemos senão um pálido reflexo. A mensagem de Rimbaud tem a sua maior importancia na significação propriamente espiritual que ela contém. Levou até seus limites extremos a tentativa luciferina que é em substancia, a do homem moderno. Para escapar ao mundo do absurdo, como ás servidões da condição humana, procurou negar a Providencia, de dispensar Deus ou de se igualar com êle, e na esperança de en-

SINOS DE OXFORD

VINICIUS DE MORAIS

CANTAI SINOS, SINOS
CANTAI PELO AR
QUE TÃO PUROS, NUNCA
MAIS IREIS CANTAR,
CANTAI LEVES, LEVES
E LOGO VIBRANTES
CANTAI AOS AMANTES
E AOS QUE VÃO AMAR

LEVAI VOSSOS CANTOS,
ÁS ONDAS DO MAR
E SAUDAI AS AVES
QUE VÊM DE ARRIBAR
EM BANDOS, EM BANDOS
SOZINHAS, DO ALÉM
OH, AVES! Ó SINOS
ARRIBAI TAMBÉM!

ANTROPONIMIA CEARENSE

VERISSIMO DE MELO

FLORIVAL SERAINE publica no ultimo número da revista "CLÃ", de Fortaleza, um curioso estudo intitulado "Subsidios para uma ântroponímia cearense". Curioso no senido de que pode interessar até mesmo a um leigo no assunto, a qualquer pessôa. Porque, na realidade, é um dos trabalhos mais sérios e mais bem feitos que temos lido na espécie.

Examinando minuciosamente toda a historia da onomástica cearense, desde os primeiros séculos da colonização até os nossos dias, realiza o autor uma síntese magnífica do problema, documentando-o fartamente com listas e mais listas de prenomes e sobrenomes, masculinos e femininos, de origem indígena, africana e portuguêsa, que ele proprio foi colher em arquivos, na obra dos historiadores e na tradição oral. Seguem-se outras e novas estensas listas de apelidos de família de étimo indígena, alcunhas ou apodos comuns entre a população, varios aspectos interessantes e dignos de atenção no estudo da onomástica, como sejam os prenomes oriundos de estranhos idiomas (mal nosso tambem), a influencia tenebrosa do cinema americano na composição e escolha dos nomes de batismo, outros de influencia literária ou artística, nomes e apelidos de toda qualidade e influenciados nos motivos os mais despropositados.

Pela sua amplitude, analisando todos os angulos do problema, o trabalho do folclorista cearense cresce de importancia quando se verifica que o estudo que faz do seu Estado, de sua área de observação, é uma miniatura completa e exata do proprio estudo da onomástica brasileira, com suas virtudes raras e defeitos incuraveis em muito maior proporção, tudo em consequencia da ignorancia terrivel das camadas populares sobre o assunto, inclusive por parte de muitos falsos aristocratas. Sob este ponto de vista, aliás, sua utilidade é gritante para o nosso homem comum. Quanta coisa util teria a aprender, com a sua leitura, o cidadão que está na iminencia de escolher um nome para o filho! Quantas aberrações onomásticas se evitariam nesse país com o simples conhecimento daquelas regrinhas elementares!

Mas, como em nenhuma de nossas escolas ou universidades o brasileiro aprenderá a menor noção sobre o assunto, claro está que o povo, de um modo em geral, jamais tomará conhecimento daquelas normas indispensaveis para saber batisar o seu filho. E continuarão os horriveis nomes compostos, tirados daqui e dacolá, comprometendo muitas vezes o futuro de seus proprios filhos, expondo-o ao ridículo do país inteiro, como é o caso daquele funcionário federal que o autor regista e que se chama patrioticamente Nacional Futuro Provisório da Patria; ou aquele outro Feliciano Eleuterio do Horizonte Brasileiro; ou a respeitavel senhora d. Analgesina, com nome de remédio; ou a pobre moça que recebeu o nome de Maria Mary, só porque o pai nunca aprendeu que Mary, em inglês, quer dizer Maria de novo...

Só o capítulo das alcunhas ou apelidos populares mereceria um comentário especial, de tantas sugestões que apresenta. Ficamos sabendo, por exemplo, que o "reinado do apelido" cearense é a cidade de Aracati. Há por lá uma senhora que é exímia na arte de pôr apelido em todo o mundo. A um homem bastante culto, porém, de côr preta, que apareceu um dia em Aracati, a dona apelidou-o de "Noite Ilustrada"... E basta este como exemplo ótimo.

Só não ficamos satisfeitos foi em saber aquela opinião de Monlau, arrazando o único e suposto sinal de nobreza que tantos brasileiros, inclusive nós proprios, possuimos ciosamente e que é a particula "de" ligando o prenome ao sobrenome. Mas, felizmente, para esmagá-lo, temos ainda a nosso favôr a opinião de Brachet, Dussouchet, Littré e Larousse, firmando jurisprudencia sobre a origem nobiliarquica da particula "de"...

contrar, para além da angustia inevitável, uma inocência de antes da queda, êle recusou a lei por excelência, a lei do bem e do mal. Eis porque com uma lucidês semelhante a de Nietzsche, outro profeta, êle designou como seu adversário o Cristo, expressão viva da lei, Providência tornada História.

Assim, a experiência de Satan adolescente está secretamente em harmonia com uma sociedade penetrada de semelhante tentativa de anular a palavra eterna. Mas essa experiência faz mais que perfigurar os acontecimentos e as atitudes; dá-lhes uma significação que se pode fixar. Porque a tentativa de Rimbaud terminou por um fracasso. "A verdadeira vida está ausente!". Quando essa palavra definitiva penetrou bem fundo nêle a criança genial compreendeu que nada de humano suprimia essa ausência, e tendo prosseguido como ninguém no mundo a revolta contra as potências, soube que ela só o levava a um desespero pior, á loucura e á morte. Submeteu-se. Dessa experiencia vital, não fez uma realização literária. Mas foi ás solidões do Harrar, meditar em silêncio êsse mesmo dilema em que nosso mundo se debate: a certeza de uma insoluvel miséria ou a probabilidade de um ultimo perdão.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redatores:

CARLOS ROMERO — DULCIDIO MOREIRA

GEORGE MATTOS — JUAREZ BATISTA

V O C A Ç Ã O

Conto de ALBERTO ROMERO

O elevador sobe como um foguête. Estanca no 15.º andar do arranha-céu. A porta automatica abre-se com um ruído trêmulo. Flávio aproxima-se de um mulato arrogante, metido numa farda azul-marinho com botões dourados, sentado em frente a uma mêsa lustrosa e vazia, no fundo do corredor. Pergunta-lhe qualquer coisa. O contínuo olha-o de alto a baixo, numa hostilidade desdenhosa. Nota-lhe o terno batido, de casemira ordinária; a camisa encardida, gravata desbotada; os sapatos poeirentos, ralados no bico. Não responde. O moço fica indeciso, esperando. O mulato mastiga o beiço, de raiva e má vontade. E aponta para o lado esquerdo, num gesto autoritário de quem expulsa. Flávio chega defronte da sala numerada. 1436. Hesita por alguns segundos. Respira forte, desencorajado. Entra, não entra — entra. Não leva dois minutos, está de volta. Do lado de dentro sai uma voz de quem ia se esquecendo; apressado, convencional:

— Deixe nome e endereço. Se precisar, chamo.

Flávio não diz nada. Encaminha-se para o elevador. Aperta o botão. Sem querer, bate com os olhos no mulato. O mulato está com o rei na barriga ("insolente").

.....

— Então?

— Nada.

— E a vaga?

— Preenchida.

— E' sempre assim! ...

O companheiro de quarto acende um cigarro. Estende o maço a Flávio, oferecendo. Agora estão deitados em suas camas, fumando e pensando. O quarto fica no 2.º andar da velha casa de cômodos, na esquina da rua do Riachuêlo. A noite espalha um calor de fôrno. A cidade é um cáustico. A janela aberta para a rua recebe o barulho áspero do tráfego.

— E a carta de recomendação?

— Não pude entregar. Não viu o maestro?

— Está na Europa.

— Ah!

Alfredo levanta-se, vai até a janela e atira a ponta do cigarro na carpota de um ônibus que passa. Não acerta. A chamazinha dansa no ar, pende para o lado da calçada e vai fazer festa no palitó de um sujeito gôrdo parado no meio-fio. O sujeito sacode-se todo e olha para cima. Alfredo volta-se para o amigo:

— Você jantou?

— Ainda não.

Alfredo mexe nos bolsos do palitó, pendurado no encôsto da cadeira.

Retira duas moédas de prata. Estende-as a Flávio:

— E' só o que tenho. Fiquei apenas com uns trocados para o bonde.

— Obrigado; um dia lhe pago tudo.

Flávio desce a escadas. O botequim fica no andar térreo. O garçon aparece limpando uma bandeja:

— Alguma coisa?

— Média e pão com manteiga.

— O pão acabou.

— Café com leite.

— Leite só em pó.

— Traga assim mesmo.

Onze e vinte no relógio do botequim ZIG ZAG. Apenas os freguêses habituais. Lá estão êles sentados em volta da mêsa do canto: o velho guarda civil aposentado, o bicheiro da zona, o rapaz do armazém. Conversam futebol. Moram por ali mesmo. O velho guarda é o que se vê: tamancos, calça verde-oliva e camizêta sem mangas.

Gordo, cara redonda, um tôco de charuto espetado na bôca. Bonachão. Gestos pachorrentos. Fica ouvindo os companheiros, com um ar divertido. Ouve mais do que fala. Quando acha graça, aperta os olhos, franze os lábios, retira o tôco de charuto apagado e cospe em baixo da mêsa. O bicheiro discute o último FLA-FLU com o rapaz do armazém. O guarda acompanha a discussão aprovando, indistintamente, com um lento inclinar de cabeça. Não toma partido. Não dá palpites. E' um espectador. O rádio espalha um samba de môro dentro do salão. O samba está dizendo que Amélia é que era a mulher de verdade. O dono do café, português reconchudo, vermelho, confere o dinheiro da caixa, fazendo contas com um pedaço de lapis que de vez em quando retira e torna a colocar no ganho da orelha.

O garçon abre a bôca, de sono. Está escorado na parêde da cópa, apreciando a conversa dos homens. Flávio chama-o com um olhar. Paga. Sai. Sobe as escadas. Deita-se. O companheiro dorme. Flávio fica olhando o amigo dormindo. Deve estar exausto. Trabalha numa loja da rua Larga. Sua única aspiração passar a chefe de vendas.

QUADRO DE PAUL NASH

Flávio julga-o feliz. Não teve a desgraça de nascer com uma vocação.

Não tem mais ilusões. Os sonhos morreram dentro dêle.

O tráfego rumoreja no asfalto. De tanto ouvir a barulheira dos veículos, Flávio aprendera a distinguí-los mentalmente, sem ser preciso ir á janela. A principio não percebia nada. Apenas um amálgama de sonoridades terriveis, diacerando-lhe os ouvidos provincianos. Era na época de sua chegada ao Rio, há seis mêses passados. Agora, habituado á metropole ruidosá, já sabia quando se tratava de ônibus, bonde, caminhão ou automovel. E' algo assim como nas sinfonias — pensa. O ouvido desadúcado para as músicas eruditas não lhes apreende logo o sentido, os ritmos, as harmonias sutis. Tudo aquilo se lhe apresenta paradoxalmente, num desconcerto de sons. Sente a perturbação de ruidos vagos; ora finos e agudos; ora cheios, oblongos, redondos, intermitentes. Só com o tempo é que a sensibilidade acústica do individuo se vai tornando receptiva ás ressonâncias musicais até a completa e á definitiva integração.

Onibus imensos, congestionados de passageiros, deslizam na faixa negra do asfalto. Os sons vão se partindo aos poucos no pesado silencio da noite. De vez em quando passa um automovel em disparada, assustando as esquinas. Flávio não suporta a buzina estridente dos automóveis. Enerva-o aquele som quebrado, áspero, alarmante, como se alguem lhe soprasse um piston na concha do ouvido. A noite avança. Ruidos inarticulados. O movimento amorece.

Extingue-se. Não. Na grande cidade não há silencio total. Sempre fica alguma coisa vivendo no ar. Neste momento sobe da rua o gemido oleoso de um bonde correndo nos trilhos vazios.

"Deixe nome e endereço. Se precisar chamo".

(Desceu no elevador, ganhou a rua, salvo; contente como um réu absolvido. Sim, porque o seu desapontamento era apenas superficial. No íntimo, regosijava-se com a recusa. Procurava enganar-se a si próprio quando demonstrava interesse num emprego para o qual não tinha vocação. Agora compreendia o motivo da alegria diabólica que sempre o dominava quando lhe respondiam: "Não temos vaga", "Apareça daqui a uns dias" Ele saia cabisbaixo, triste, humilhado; mas logo lhe vinha aquela estranha alegria, aquela dominadora sensação de liberdade).

Flávio ergue-se da cama e procura o interruptor. A luz escurece. Mas o quarto continua acêso, recebendo a claridade da rua adormecida. E' uma claridade morbida de velorio. O calôr queima como braza. O companheiro dorme de cuéca, o suor escorrendo no peito nú. O corpo ronca. Depois começa a ressonar estaquesitamente, como se alguem o estivesse asfixiando. Parece um homem esfaqueado, morrendo. Flávio sente uma dorzinha aguda por cima da sobrancêlha esquerda. O globo ocular está latejando como um tumôr. Os olhos ardem e lacrimejam. O estomago está em carne viva.

E' uma ferida aberta, queimando, queimando, queimando...

AUGUSTO E SEU CAMINHÃO

BUENO DE RIVERA

O MOTOR ACORDA OS PÁSSAROS.
VAI AUGUSTO NA MADRUGADA.

A ÚLTIMA ESTRÊLA E OS FARÓIS,
OS OLHOS NO DESCONHECIDO,
OS PÉS NO ACELERADOR.
NA CARROCERIA FANTÁSTICA
REVOAM AS BLUSAS,
FLORESCEM
OS INSTRUMENTOS E OS AMIGOS.

OS PNEUS DE PLUMA. O DÍNAMO,
AS ENGRENAGENS CANTANDO,
AQUELE É AUGUSTO, O VELOZ.
AS RODAS SULCANDO O TEMPO,
AVES. NUVENS,
RUAS IMOVEIS. PORTAS
MADRUGANDO NO PÃO.

O SOL AUMENTA A ALEGRIA
NA PEDREIRA DO HORIZONTE.

A TARDE É O REGRESSO. OS AMIGOS
SE DESPEDEM. VAMOS, MÁQUINA,
QUE O ESPERA Á PORTA O FILHO,
A ESPOSA FEZ O JANTAR,
O VISINHO VEM LER O ESPORTE,
O RÁDIO DIRÁ NOVELAS.
NA INOCÊNCIA DOS SONHOS
SUA NOITE SERÁ MULTIPLA.

AUGUSTO É O SENHOR DOS FREIOS.
AUGUSTO VÔA...

ENTRE A CRIANÇA E O POSTE
OSCILA O VOLANTE, TREME
A MÃO NA MUDANÇA. A VIDA
EXPLODE NO CARBURADOR.
AUGUSTO PENDE O CORPO. ROSAS
DE SANGUE ABREM NO PEITO.
AS ROSAS SE MULTIPLICAM
NO ESPELHO QUEBRADO AS ROSAS,
NA FACE E NAS MÃOS DE AUGUSTO.

O FILHO O ESPERA, NO ENTANTO
ARRASTADA, MORTA,
SÓ A MAQUINA FIEL CHEGOU.

AINDA OS AMIGOS E OS PÁSSAROS
CANTAM NOS CAMINHOS.
AUGUSTO NÃO AMANHECEU.

MAS EXISTE O MISTÉRIO. QUANDO
A SOMBRA ENVOLVE A GARAGE,
ROMPE O DIALOGO IMPOSSIVEL.
OSSOS E PEÇAS CONVERSAM
SOBRE A INFINITA VIAGEM.
SANGUE E PETROLEO SE INFLAMAM
NA AURORA DA REDENÇÃO.
ENTRAM NA ETERNIDADE
AUGUSTO E SEU CAMINHÃO.

ONDE HA UMA CRIANÇA SOFRENDO, HA UM POEMA

HÁ dez anos vem sendo anunciado o livro de José Sampaio "Nós Acendemos as Nossas Estrêlas". Entretanto, o poeta sergipano não teve ainda a ventura de vê-lo publicado. Uma dezena de artigos já saiu a respeito, alguns de crítica, outros de méra informação sôbre a vida dêsse poeta errante pelo interior nordestino. Desde o tempo de SEIVA, da Bahia, e de SIMBOLO, de Aracajú, revista que marcaram época, o nome de José Sampaio entrava na literatura. Nesta nova fase de publicação de revistas de novos, que o Brasil atravessa, novamente se anuncia o livro de Sampaio. Será a atual ÉPOCA, de Sergipe, que, dando início ás suas atividades editoriais, irá em breve lançar finalmente "Nós Acendemos os Nossas Estrêlas". Vem a proposito do autor transcrevermos uma reportagem de PAULO DE CARVALHO NETO, em Junho de 1943: "José Sampaio não diz nunca que é poeta.

Mas, alguns componêses ha muito que reconheceram neste moço simples, que trepa num caminhão sôbre sacos de farinha e caçoás, e de sol a sol andarilha entre Aracajú e Muribéca, negociando meia peça de pano, alguma coisa mais do que um pacífico caixeiro viajante. Uma coisa assim capaz, de, numa hora de extrêma inconformação, altear o grito dos companheiros humildes, dos da grande população olhada com desdém... Pois êle sabe demais sôbre essa população. Nasceu e cresceu dentro dos seus dramas. Foi dos poucos de sorte que fizeram o curso primário, numa escolinha de aula noturna de qualquer logarêjo do interior. Deu de sentir profundamente todo o sofrimento que o seu pôvo sentia. Depois andou lendo Gorki e Dostoievsky. Isso nos entroncamentos das estradas, nos trens, de noite nas cidades onde chegava para ajustar com freguêses. Afinal, lá numa hora o poeta se revelou, perguntando, a si próprio, porque umas crianças tinham tudo e outras nada... Chamaram Sampaio em particular e apontaram-lhe o perigo de seus versos. Mas Sampaio sabia que escrever independia dêle. Porisso quando, ainda hoje, lhe pergunto se essa "nova poesia" terá sempre êsse traço inquietante de revolta, êle me responde que um dia voltará a ser léve. Mas, no momento, só pode ser amarga. E que êsse dia... êsse dia será o da "Ressurreição" e tambem o da decepção daqueles que não desejam ou lutam para impedir que os malqueiros de todo o mundo, os estivadores, os operários, as prostitutas coagidas... venham igualmente a saborear os bons frutos que Deus semeou na Terra para todos.

"A nossa canção é prometendo a nós mesmos
Que chegaremos todos de uma vez
Com os corações libertos da angustia.

E os campos nos abrirão as suas searas
E os ventos enxugarão as nossas frontes suadas
E os rios beijarão os nossos pés inchados
E os passaros cantarão à nossa chegada

Alguns não sentirão essa alegria...
Os que não cominharam a angustia do nosso caminho

E ficaram escondidos
Pedindo que a nossa marcha
Jamais encontrasse a grande aurora".

Duvido que Sampaio deixe de se tornar um profeta. Não foi George Bernanos quem disse: "SI CE MONDE POUVAIT ÊTRE SAUVÉ, IL LE SERAIT PAR SES POÉTES"?

Mas não precisam tambem apiaudir aqui ao velho francês aquelês que fazem questão de métrica e rimam, cuidadosamente, DOUTOR com BEIJA-FLÔR. Porque, neste caso, o velho francês está muito bem certo que só se referiu mesmo aos poetas que rimam LIBERDADE com PÔVO. Apoiamos êsse sentido social da poesia moderna, ratificando-nos com Alvaro Lins, que o presente como uma necessidade:

"Acredito que a poesia se encontra hoje numa situação de expectativa, quero dizer: no momento de uma renovação, de um novo caminho. Este caminho será o de um encontro com o povo, o de um encontro das fôrças poéticas com os apêlos dramaticos da vida exterior. Pois hoje mais do que nunca o povo precisa de poetas que o comovam e de poetas que exprimam os seus sentimentos".

Está claro que esta poesia nova ainda está em franco desdobramento. O seu fim é conseguir falar DIRETAMENTE ao pôvo. Mesmo Sampaio, dos mais simples, entre quantos se têm esforçado nêste objetivo, reconhece que está sendo compreendido apenas por REFLEXO.

Descer ao pôvo, falar ao seu coração, sem obscurantismo, sem confusão, eis o problêma. Feliz aquêle que o resolver.

Pergunto a Sampaio:

— Mas qual é esse pôvo a quem você se refere?

O meu amigo insiste numa história de sofrimentos muito comprida e responde que ao proletariado do mundo inteiro. Em toda a parte ha gente pobre sofrendo injustiças. A todas elas a poesia deve chegar, como um bálsamo, mitigando sêdes, alentando esperânças. Daí a extrêma necessidade do seu SENTIDO UNIVERSAL:

"Um clarão vem do mar
Em direção das cidades

O rouxinol ensaia novamente o seu canto livre
E a manhã se enche de passáros multicôres
Os homens correm para as praias
Levantam as crianças nos braços
De maneira que todos ficam de um só tamanho
Porque vem amanhecendo no mar
Uma claridade desconhecida...

— Então, se a sua poesia diz mais para o pôvo que sofre mais... ela diz tanto para os judeus?

— Os judeus são um grande pôvo, inteligente... Tem seus dramas, como todos não podem deixar de ter, mas não são um povo desapreciado pelos grandes póvos, nem desamparados pela sua própria capacdade de luta. O pôvo pra quem eu falo mais é repugnado e cheio de moléstias. Mal alimentado e sem preparação, não tem fôrças para assumir qualquer iniciativa.

A estas últimas palavras, fixo, vivamente, José Sampaio.

Êle se levantou da

mêsa do café, onde nós estavamos, e disse:

— Não acredita? Vamos, eu vou lhe mostrar. E' melhor mesmo que você veja de perto.

Partimos duas horas depois que os cinemas se tinham fechado. O poeta de "Nos acendemos as nossas estrêlas", livro que está no Rio para ser publicado, ia-me falando com uma certa entonação. Enaltecia os homens da China. Estava esperando maior emoção para um grande poêma. Sugeri a leitura de Pearl S. Buck. Sampaio tem mêdo deste mês se passar sem que êle escreva o "poêma aos nossos irmãos chinêses". Porque então, só no outro inverno... E' um fato que o intriga: só poder produzir com intensidade e forte inspiração no inverno. Lembrei-me da Isadora, que somente quando a estrela de Afrodite subia no céu, os acontecimentos lhe eram sempre propícios. A vida lhe parecia mais léve e ela se sentia capaz de creação.

Falo para Sampaio:

— Depois que conheci Isadora Duncan tornei-me um intransigente em matéria de seleção feminina.

— Não ha duvida que só as "grandes senhoras" nos preenchem. Mas penso tambem que o sujeito AMANDO uma mulher que seja feia, ela tem-lhe sempre um encanto nôvo todo o dia, não é?

Atalhei, num repente, com o pensamento nos irmãos chinêses:

— Você que acha de Carlos Drumond de Andrade?

Para José Sampaio, depois do poeta do SENTIMENTO DO MUNDO, só existe Sosigenes Costa. Um camarada que vive numa pôse londrina lá em Ilhéus. Um grande poéta, um imenso poeta. Tão poderoso quanto Jorge Amado é no romance.

Caminhamos muito até chegarmos às ruas des-

calças. Aí Sampaio parou e se voltou para mim:

— Faça assim.

Agasalhára o pescoço com a gola do paletó. Eu fiz assim e tambem desalinhei o cabêlo e me tornei meio curvo. Estas ultimas atitudes êle as possúe naturais. Pediu-me atenção. Entramos na rua que buscávamos.

"Eu mesmo vou levá-lo pela mão
prá mostrar a rua desse povo.
Primeiro, aqui,
o trecho das perdidas.
Esta é Rosa
que você beijou,
marcada de feridas,
beleza morta
que as suas mãos mataram.

Dê uma esmola a esta,
é Silvia.
E esta outra, conhece?
Não. Eu sabia.

Ana Maria morreu
dentro desta mulher.
O que foi que você fez de Ana Maria?

Rua escura e nojenta.
Ponha o lenço no nariz
e entremos nesta rua.
Estes vultos que se movem como sombras
é gente
e era uma gente forte.
E' porque a fôrça desse povo
ficou nos alicerces da cidade
equilibrando as construções.

Honestos homens magros, cabeludos
poetas, arquitetos, pintores,
e outros artistas mais
que morreram como animais
nesta rua esquecida,
vamos vê-los de perto,
mas, não lhes vá temer
as caras hediondas:

é o tormento das fisionomias,
raiva guardada ha muitos anos
apontando nos róstos
como um grito espontaneo de revolta.
Vamos vê-los de perto,
não fazem mal nenhum
é um povo morto".

Tudo isto é muito bonito e eu fiquei muito sério. Sampaio lança um braço em torno do meu pescôço e diz que não estava se referindo diretamente a mim. Mas que todos nós, todos, somos, em parte, culpados daquilo tudo.

Entramos numa alfurja imunda e de máu cheiro, onde uma charanga desafinada e sórna combinava com os peitos sem alento das mulheres. Bebia-se cervejas à luz do carbureto e Joana, adiante umas três bancas, sorria para mim. Alguns pares, bem unidos, deslisavam no palco.

Sampàio fala com quentura:

— Está aí, uma mulher sifilitica, de ólhos de criança, no subúrbio. Com um olhar puro dêstes... e empurrada pros cabarés. Não resta dúvida que toda uma arte está contida na angústia deste povo. Grandes produções líricas ainda serão arrancadas de tôda esta miséria. Veja Joel Silveira. Que encanto, que maravilha é "Natal com Margarida"! De onde a inspiração de todos aqueles contos? De onde a nota triste? Daqui! Dêste pardieiro infeliz que revolta. Você sabe a vida que estas mulheres levam? Você sabe o que é aguentar desafôro de outoridade e autoridade não dar jeito de uma vida melhor? Não! Não sabe... Porque se ha uma coisa que ninguem queira saber é esta. Cada qual que viva sua vida, os pobres que se lixem!...

Joana deixou de sorrir, quando Sampaio pagou a cerveja e me arrastou para fóra do bordel. Queria mostrar-me logo a vida dos maloqueiros.

Outra porção do pôvo dos seus pôemas de sofrimento e miséria. Esta seria mas trágica, ainda... Mais trágica, ainda..."

Noticias

ULTIMOS LIVROS

"HISTÓRIA de uma Estrada de Ferro do Nordeste", por Estevão Pinto: contribuição para o estudo da formação e desenvolvimento da Emprêsa Great Western e das suas relações com a economia do nordeste brasileiro. Edição ilustrada.

"UM poeta singular", a vida e obra de B. Lopes, por Renato de Lacerda.

BANDO N.º 9

COM a pontualidade de sempre, acha-se em circulação o numero 9 da revista dos novos do Rio Grande do Norte, "BANDO".

Dirigida por um grupo de moços entusiastas, como sejam Raimundo Nonato, Veríssimo de Melo, M. Rodrigues de Melo, Luiz Patriota, João Alves de Melo e Helio Galvão, BANDO reafirma muito bem as aspirações da nova geração potiguar.

Em suas paginas, encontramos sempre variadas e boas colaborações literarias, alem de noticias sobre o movimento artistico atual.

POESIA NOVA

NOTAS SUPLEMENTARES SOBRE DANTE MILANO

REYNALDO BAIRÃO

É preciso o poéta ser forte, consciente ou desaparecer. E' preciso o poéta se renovar constantemente dentro e fora de si mesmo ou perecer.

Éste pensamento me veio á cabeça ainda há pouco quando relia o magnifico livro de Dante Milano "Poesias" (Livraria José Olympio Editôra. Rio. 48). obra das mais sérias que temos tido aqui ùltimamente, sem dúvida a mais auspiciosa estréia do ano que passou.

A sintese é o que mais amofina êste jovem de cincoenta anos. E a síntese de sua poesia está na prudência calculadora da forma e do conteúdo empregado; das côres e dos volumes sòbriamente distribuidos. Essa sintese, nêste caso, não é uma atitude poetica. Felizmente. Se me afigura só uma presença, espécie de obstinação metódica, sagaz, objetiva, do esfôrço dispendido e da necessidade, puramente estética, de alcançar o máximo no minimo de expressão, de palavras.

Em Dante Milano, antes de mais nada, há o momento. E ao envés de estar polarizado, localizado, disperso numa impressão particular, êle se encontra continuamente em si mesmo, ou em sua totalidade. Tendo de sua totalidade ingênita repetida consciência. Ele saboreia, como poucos, a sua própria substancia lirica. Não está mais pintado colorido, vibrado ou afetado que os demais.

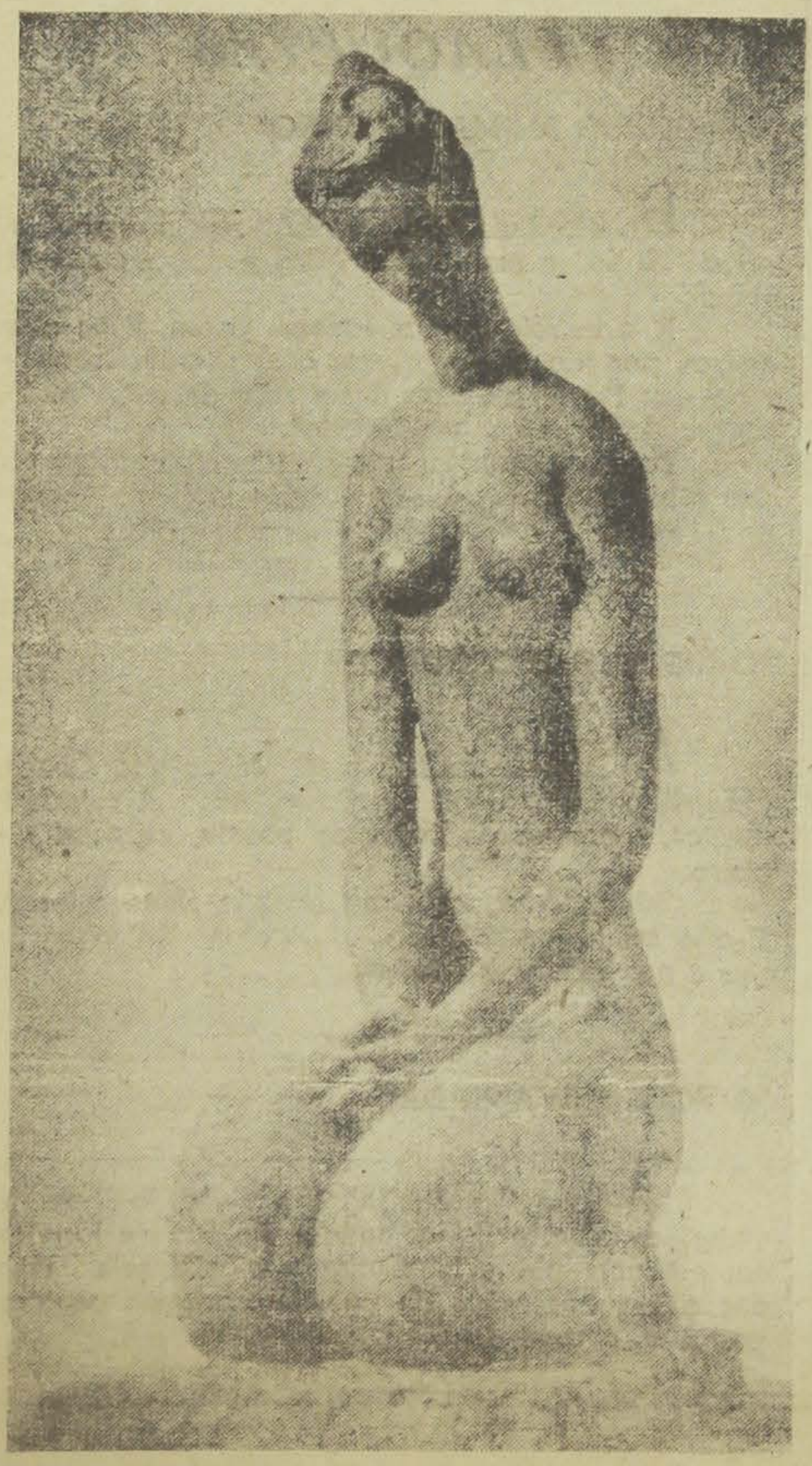
Ele me parece em perpétuo equilibrio.

Esse senso de equilibrio é o fator primordial da criação artistica. Sendo, também, o seu constante principio. Em Dante Milano, o equilibrio faz com que êle possa se abrir, se entregar, contemplar, se integrar, adorar. E' através da proporção, devidamente paralelizada, que o poeta entrevê o imutável e o eterno, envolvendo tudo que se passou e se passará ante seus olhos, no espaço; e é ainda através dessa mesma proporção que o poéta, num só abraço, contém todos os fenômenos do Tempo em todos os tempos viavel ou não.

A absoluta submissão é o que melhor peculiariza êste cantor amargurado. Ele se encontra sempre no estado religioso. A perfeição do devotamento, a morte perene do "eu" desprezado "a posteriori", a união da vontade com a ordem intelectual: fazem-no á mercê do primeiro sofrimento sentido na terra, tendo-se a sensação de que foi êle, cantor amargurado, o primeiro homem, a primeira mulher, a sentir a Dôr, a pressentir o Criador. Ao cabo de alguns poemas, o leitor revê o repouso, a calma do que é Absoluto. Reconhecido, não aceita mais a ilusão, obstina-se pela duração, pela fé, pela conquista, pela regeneração; somos compactos mas heterogêneos; logo seremos consequentes em nossa maneira de sentir ou agir, com ou como Deus...

Nos acalenta, nesta obra importante, a potência de todos os números, insensivelmente retornados a outros ainda desconhecidos. Preferimos ver e conhecer os precipicios que não podemos suprimir, a fechar os olhos inteiramente, incompatibilizando-nos com aquilo que desconheceremos pra sempre; não se tendo oportunidade de participar com o inaudito do jámais-vislumbrado, se não nessa ocasião súbita. Já que temos necessidade de harmonia, de acôrdo, de abandôno completo e de ampla compreensão, nada nos resta após o conhecimento, senão sentir os precipicios que não podemos suprimir interiorizando-nos no ignoto que daí emana.

Dante Milano, ao brunha porquê nos transporta para mundos que temos mêdo de "tocar".



STOCKINGER, MULHER AJOELHADA

Sua poesia marcante e irresoluta a um só tempo, é daquelas que não classificamos, pois é Morte e a morte não tem principio nem fim.

II

É daqui de baixo que exala tôda a religiosidade de Dante Milano. Se percebe mesmo que o poeta não canta os motivos eternos, ausente do que a vida e a carne oferecem. Ele sente "aceso o fundo da cabeça a um pensamento quasi que divino", entretanto para chegar a Deus é preciso "ser de si proprio vitima e assassino, tentar o máximo, ainda que enlouqueça, provar palavras de sabor impuro".

E só então se conhecerá em plenitude a condição de "anjo".

Porém se em Rilke "anjo" é sinônimo de fuga, de carência do contacto com as coisas, em Dante Milano "anjo" toma um significado extritamente gideano.

Ele sabe que o Amor "de agora é o mesmo amor de outrora"; sabe que tem que pecorrer tôda "uma existência incerta, como quem sonha noutro mundo"; sabe que acordará em trevas "um sêr de luz desperta", sabe que a vida que êle próprio contêm transborda porquê êle é "qualquer cousa de agora mas, de eterno"...

Por essa razão elementar, Dante Milano se pergunta:

"Serei um deido, um mago, um visionário?" e a resposta, que não demora, vem assim:

"Abre os olhos humanos para crer.

A dúvida transforma-se em certeza.

A certeza em vontade de morrer."...

Tendo, subjetivamente, um pouco dêsse "anjo" e um pouco de "demonio" que reforma, êle descobre em si que "sofrimentos, angustias e canseiras tornam maior" o homem, e a sua entrega ao inexorável, aí vai facilitar a aceitação de Deus como sendo êle mesmo.

A morte causará então espanto, mas não desespêro. Será um "sinal do céu, divino mas medonho". "O corpo se entregou, mas hesitou". Parece que a própria vida "deixou-se cair de mãos abertas"...

Aliás, a aproximação dêste estreito com Gide é maior do que percebemos á primeira vista. Ele mesmo é quem confessa:

"Quantas vêzes morri sem ter morrido,
Sem sentir ao morrer a menor dôr"...

Confessa-se, e confessa aos demais, confidente que é, que sua alma vive "alheada do corpo que pressente em si outras raizes". Dando-se nêle, o "jôgo" sublime da insatisfação inconclusa, do nada-positivo. "Vejo o tempo parado, inutilmente", diz êle "tudo é menos real do que suponho". Porem, se em seguida, exclama: "No espaço que me cerca estou suspenso", rematará o poema dizendo, tristemente: "Eu sou o objeto contemplado"!

Me parece que semelhante junção, entre o interior do poeta e o exterior que os objetos se lhe oferecem, só causa entrechoques e consequencias extraterrenas em Dante Milano. Porquê, nêle habita pra sempre a "paisagem do imenso esquecimento". Ele pergunta ao Tempo: "Vais para diante ou para trás?"; porém adivinha que o passado carrega sua vida para trás e dêle, êle mesmo ficou distante. Persegue-o "a aparência que lembra o esquecimento". Sómente o fato dêle ficar distante dêle mesmo no Tempo, o revivifica e enche de orgulho, faz com que o poeta se torne Teseu, todo um céu que o "leva ao fim de tudo". É a eternidade vista num momento. E o seu olhar um "olhar imenso de consôlo mudo"...

Dante Milano traz com êste seu livro uma nova poesia para nós, nova como o Amor que êle canta. A paixão é, em seus versos, uma coisa muito só, "mais funda, mais infinita", sem a sujeira "de sangue, de terra", Amor "sem objeto", "feliz sem saber"... O amor fêz com que êle absorvesse a existência. Pela experiência que acumula viu "tôdas as coisas numa só coisa". E então, pôde compreender "tudo desde o principio do Mundo".

Cumprimento Dante Milano pela seriedade de sua mensagem, pelas experimentações técnicas que nos ofereceu com esta publicação e por saber, ainda com Gide, que é do homem "que nasce o mal", pois o poeta, como tôdas as coisas, é simplesmente um triste um puro!...

PLAQUETES

"UM POUCO ACIMA DO CHÃO"

De São Luiz do Maranhão nos manda Ferreira Gullar o seu livro "Um pouco acima do chão".

E' a estréia de um jovem poéta. E os seus versos por tão expontaneos, bem deixam transparecer que Ferreira Gullar é portador de uma "mensagem de beleza e sentimento".

Faz-nos lembrar, pelos rítmos inumeráveis dos seus poemas, J. G. de Araújo Jorge de "Bazar de Rítmos".

"O ESPELHO ESCONDIDO"

A plaquete de Lydia de Alencastro Graça, ("Espêlho Escondido", poêmas, ed. Alvorada), merece, entre tantos livros de poesia, especial registro.

São poêmas de uma grande fôrça interior. E que bem condizem com a técnica do verso de que é possuidora a poetisa.

"A ROSA ORVALHADA"

"A Rosa Orvalhada" é o titulo do livro de versos de Alvaro Faria, editado no Rio de Janeiro, em elegante plaquete. Conquanto não seja uma das altas expressões da poesia brasileira contemporanea, é uma estréia significativa.

BOM HUMOR

O POETA gaucho Mario Quintana foi "acusado" por um critico de empregar brasileirismos nas suas traduções. Bem humorado, respondeu Quintana:

— Se nós brasileiros não usamos os brasileirismos, quem os usará então?

IGNACIO SILONE

NEY GUIMARÃES

Apresentando-se com muitos meios próprios de chegar até o povo, com a necessária proporção para fixar acontecimentos em suas narrativas, fazendo assim com que seus livros despertassem atenção e a crítica os saudasse com referências muito especiais, Ignacio Silone se pôs imediatamente em evidência. Ao contrário de outros autores de grande merecimento, relegados ao conhecimento, de uns poucos, surgiu de pronto forte e inteiro, conseguindo o grau que sua qualidade sempre revelou. Deu-lhe êsse prestígio imenso, elevando-o a grandes alturas, o romance "Fontamara". A essência dêsse livro, que ficará como testemunho muito vivo e por demais tocante de uma fase das mais trágicas por que tem passado a humanidade, é um realismo doloroso, que nos alcança no mais íntimo de nosso ser. O que surpreende, fazendo avivar a atenção no desenvolvimento dos quadros crueis, violentos, que há em "Fontamara", é a força que está nas suas páginas, e tôdo o clima do livro aparece envolto em uma realidade chocante, pela sua brutalidade, pela ignominia de homens que se colocaram a serviço de uma causa nefasta para o mundo, qualquer seja a causa fascista.

A importância de Ignacio Silone não se abalou, pelo contrário, aumentou, ao ser publicado "Viagem a Paris", reunindo alguns contos também cheios de realidade e porejando ironia. A ironia não é em Ignacio Silone picante, mas engenhosa; não apresenta excessos, mas traduz amargura de quem passou muito tempo carimado a diárias postergações, desperdiçando as horas gastas sem objetivo, numa ansiosa expectativa. São, pois, contos crueis. Mas trata-se de uma crueldade tranquila, que não provoca maiores consequências. São tragédias sem altura, onde o belo sucumbe diante de acumulações de grosserias diárias, de misérias mínimas, modos da animalidade que não se extingue no homem, animalidade que se mantém, apesar de tôdo o progresso material alcançado. Aqui está um exemplo de como é vazada a sua ironia. No conto "Viagem a Paris", o primeiro do livro e que lhe dá o título, ha êste curto diálogo, entre uma senhora que dormia a sesta num sofá e o comissário da polícia de Roma, por causa de uma demonstração de operários:

— Que quer essa gente? Porque protestam?

— Minha senhora — responde o comissário — trata-se de operários desempregados que reclamam trabalho...

— Eu nunca trabalhei na minha vida; contudo, não me lamento! — observou a senhora...

— A senhora é uma patriota! — exclamou o comissário com deferência.

Agora, outro exemplo. Em "A Escola de Ditadores", o professor Pickup, que se transporta à Europa para estudar como estão constituidas as ditaduras, fala sôbre o propósito da viagem que realiza, da importância de que a mesma se cerca e refere-se á visita feita ás cervejarias de Munique. A essa referência, o seu companheiro de viagem, Dobbl Juh, não póde deixar de dizer:

— Estivemos, assim, na fonte primeira e verdadeira do nacional-socialismo, em sua fonte de cerveja. Tivemos que visitar uma trintena de cervejarias. Ao fim, não nos podiamos ter em pé e nos carregaram em uma carruagem para reconduzir-nos ao hotel, impregnados de espírito ariano.

Depois Ignacio Silone voltou a alcançar novos triunfos ao aparecer "Pão e Vinho", em cuja ação tôdos os atos recaem sôbre uma realidade amarga, envolvente. Os capítulos dêsse livro se delêm numa contemplação minuciosa e infinita de pequenos atos, de feitos mínimos cuja soma representa, naturalmente, o humano, nessa proporção amiúde excessiva de criaturas de carne e osso. Nenhum disfarce terno em tôdo o desenrolar da narrativa projeta o assunto até a zona do sentimental. Tôdo o livro mostra a realidade, num momento crucial para o povo da Itália, ás vésperas da guerra da África que lhe abriria, sim, as portas para o Império — efêmero Império —, mas que a levaria a uma ainda mais aguda decadência.

Distingue Ignacio Silone um modo decisivo, sempre claro, em sua ex-

Poemas de GERALDO VIDIGAL

TRINCHEIRA

CEM HOMENS HETEROGÊNEOS
CAMINHAM DE BRAÇOS DADOS,
SEM VACILAR.

UM QUE LUTA PÉLA VIDA
E UM QUE LUTA PELA MORTE;
UM QUE LUTA PELA PÁTRIA
E UM QUE LUTA PELA GLÓRIA:
UM QUE LUTA PELO FILHO,
UM QUE LUTA PELA NOIVA,
UM QUE LUTA PELO MUNDO,
UM QUE LUTA POR VINGANÇA,
UM QUE LUTA POR LUTAR.

CEM HOMENS NUMA TRINCHEIRA,
CADA QUAL COM SUA GUERRA;
CEM HOMENS DE BRAÇOS DADOS,
CADA QUAL COM SEU MISTÉRIO;
CEM HOMENS, DENTRO DA NOITE
SEM LUAR.

RITO

ENTRE OS TEUS PAIS E OS TEUS FILHOS,
QUE LIBERDADE TE RESTA?
CHORA, SE O BRILHO É DE MORTE,
CANTA, SE O RITO É DE FESTA.

NÃO TE EXPONHAS, NÃO TE EXALTES.
CULTIVA ESSAS VAIDADES,
ESSAS MESMAS DEFICIÊNCIAS
QUE O TEU NETO HÁ DE OSTENTAR.
DE HORA EM HORA, DEUS MELHORA:

— BEIJA A CRIANÇA QUE ADORAS
E QUE É PRECISO AFAGAR.

pressão. Ele é preciso e seguro. E essa admiravel segurança está, com tôda a sua fôrça, com tôda a sua substância, na ação final de "Pão e Vinho". Pietro Spina não é um indeciso nem um ignorante. Porisso jamais êle se deixaria apanhar pelos lobos. E ainda menos pela polícia fascista que o persegue na montanha. Mas nem tôdas as pessoas que leram o livro compreendem a importância do momento. Enganaram-se com o pormenor e admitiram a morte de Pietro Spina.

"A Semente sob a Neve" veiu agora sancionar os sucessos anteriores que registou Ignacio Silone. É a afirmação dos seus méritos e consegue provar ser de bons resultados a luta superativa do famoso escritor italiano. Êle tem procurado sempre mostrar-se maior. Êsse seu propósito de valor amanheceu com seu primeiro trabalho, o imenso "Fontamara". Só êsse livro nos revela que a sua vida não tem sido vã. Mas Ignacio Silone foi além, publicando sucessivamente "Viagem a Paris", "Pão e Vinho", "A Escola de Ditadores" e "A Semente sob a Neve".

Uma das coisas que precisamos e devemos reconhecer com tôda a evidência, em tôrno de nós, é esta espécie de incapacidade para dar a Cesar o que é de Cesar, para falar de uma matéria como ela realmente é, e não identificando-a com o que aceitamos ou recusamos nela. Queremos dizer, esta espécie de miopia que consiste em não ver, atrás de uma obra realizada — gostemos ou não — a presença irrefutavel de um escritor de fato, isto é, de um artista de merecimento. Charles Morgan, George Bernanos, Jules Romains, Marcel Proust, o próprio André Gide, e, mais próximo de nós, Alvaro Lins, são recusados por muitos, embora a admiração de uns poucos por êles se deslise ao excessivo. Negam-lhes valor e realidade porque em seus livros se preocupam com o humano sob uma prespectiva diferente daquela que desejariam os que os censuram. É um procedimento crítico que não se justifica, dando-nos a sensação do convencional. O que sucede é que se vem repetindo de distintos modos, procurando algumas vezes ser ruidoso, envolvendo o escritor e seu trabalho, e outras vezes silencioso, numa atmosfera do maior desalento. É essa atmosfera que cerca hoje entre nós o grande escritor que nos deu "Fontamara". Mas vamos, com satisfação, que a obra de Ignacio Silone possui a fôrça necessária para suportar, sem abala-se, as análises mais profundas. Jamais poderá ser destruida pela indiferença. E nem tampouco pela negação dos que nela não querem reconhecer merecimento pela unilateralidade com que aceitam as coisas.

O momento que atravessamos é mais de qualificações políticas que de apreciações literárias. Por isso se acha dividido o campo da inteligência, da criação estética, e os que criticam dêsse modo consideram que existem expressões vivas e outras que são "mortas", ou, como denominam depreciativamente, "intelectuais".

Ignacio Silone, escritor dotado de meios suficientes para equilibrar realidade e ficção, com uma capacidade que bem poucos romancistas dos nossos dias adquiriram, com uma habilidade que encanta e surpreende, póde envolver tôdos aqueles que, em questões políticas, se interessam pelo que chamam de "vida heróica", de "dedicação". Os seus livros são o reflexo da sua existência, a prolongação dos seus ideais políticos e sociais. Por isso, ao concluirmos a leitura de "A Semente sob a Neve", a tristeza infinita que nos toma, de notarmos que êle vive numa luta desigual, buscando um ideal que os homens não compreendem, não conseguem alcançar. Êle vive a mesma luta de Bruno Traven, o escritor que nos deu "O Barco dos Mortos", "Ouro Negro" e "A Ponte nas Selvas". E o seu caminho parece ser a solidão, o desengano dos homens do nosso tempo. Como está acontecendo com outro grande escritor dos nossos dias, o francês André Malraux, que muito já deu de si pela causa dos homens.

Quando apareceu, Ignacio Silone se viu rodeado da auréola do seu talento, da significação que havia no seu volume de estréia, "Fontamara". Foi analizado em tôdos os sentidos, e no seu livro não viram nenhum jôgo de imaginação. Era a realidade pura, brutal, palpitante. O aparecimento de outras obras, sua atividade política, deixaram uma impressão que provocou os maiores entusiasmos.

Seus livros se tornaram conhecidos e apreciados em tôdo o mundo, entre tôdas as pessoas que se debruçavam sôbre os problemas sociais. Suas páginas possuem um poder de sugestão que as destacam, apresentando a expressão viva de uma época decisiva que atravessou a Itália, país onde teve origem o fascismo, o regresso da humanidade aos tempos bárbaros.

Mas agora o seu último livro marca a literatura da hora vindoura. Mostra a importância do homem para o homem. É o elemento essencial que há em "A Semente sob a Neve". É um mundo real que se apresenta, com tôdos os elementos de vida. Dá-nos a impressão até de que é uma concepção nova da vida, tendo alguma coisa significativa com que verdadeiramente se preocupa o homem, que é o seu semelhante. Desperta, talvez, uma inquietude, que é a evasão de nós mesmos. Mas nos mostra uma realidade que nunca esteve em concordância: o homem trabalhando pelo homem, para o homem. E em "A Semente sob a Neve" vamos encontrar, mais que em nenhuma obra de Ignacio Silone, uma análise dos sentimentos, uma observação feita com surpreendente segurança, sem que êle deixe de envolver-nos com uma curiosa angústia. Êle humaniza ao extremo o seu personagem principal, Pietro Spina, erguendo-o a uma altura que poucos idealistas dos nossos dias podem alcançar.

Assim, êsse escritor admiravel que é Ignacio Silone, de prosa agradavel, cheia de sutilezas, com uma oratória tão preciso para captar impressões, para traduzir emoções, com ações vigorosas cheias de intenções, deixa bem claro em "A Semente sob a Neve" a prova da rota eterna da busca do homem por uma fórma que lhe dê a permanente felicidade.

Na mais exata expressão que a palavra encerra, Ignacio Silone é escritor social. Sua fôrça de compreensão do homem e da vida lhe confere essa qualificação, mesmo que o conceito, alterado para poder servir á interpretação condicionada por aqueles que sugem com excessivo rigor dogmas políticos e religiosos, seja aceito com critério diferente. Isso porque a linguagem que usa é a mais humana que se possa admitir, conduzindo a caminhos claros e onde o sol é para tôdos. E porque se ocupa êle do homem que trabalha e luta, em especial do elemento que representa a fôrça mais estimavel que

A NATUREZA DO SENTIDO MUSICAL

RENÉ DUMESNIL

O livro do sr. André Cuvelier "A Música e o homem, relatividade da cousa musical", da série Biblioteca de Filosofia Contemporânea, edição das "Presses Universitaires", suscita muitos problemas e oferece um grande interêsse aos que apreciam a música. De fato, entre êsses apreciadores muitos querem saber como e porque alguns sons reunidos nos permitem uma evasão para fóra de nós mesmos, atingindo regiões sob o domínio exclusivo da beleza e da pura emoção.

Que caminho sutil percorrem êsses sons para assim falarem á nossa alma? Que será êsse maravilhoso fenômeno? Não é possível seguir os desenvolvimentos que enchem as 300 páginas do livro do Sr. Cuvelier nas poucas linhas de um artigo. Limitemo-nos a resumir-lhe as conclusões. Depois de ter exposto os dados de um problema que diz respeito á física, à fisiologia, à psicologia, à metafísica e à estética, mostrando a sua extraordinária complexidade, o autor levanta uma espécie de balanço dos conhecimentos positivos acumulados no decurso dessa verdadeira exploração. Ao mesmo tempo traça os limites entre o que pode ser definido com certeza e o que fica, em última análise, impenetrável. O que mais pertuba o filósofo que se preocupa com o "mistério" musical é que êle, de início, constata a relatividade de todos os elementos cujo conjunto constitui a "cousa musical", a partir da vibração da molécula do ar, antes que o ouvido seja por ela afetado, até os mais sublimes extases da alma. "No espaço e no tempo, de um homem a outro, e para o mesmo homem, no transcurso da sua vida, a música é matizada por uma extrema relatividade". Antes, portanto, de elaborar uma teoria geral sôbre ela é preciso tomar consideração êsse caráter essencial. Nunca se encontra um terreno sólido e definitivo, tudo é relativo. "A invasão da inteligência nêsse domínio primordial do sentimento, assinala o autor, não é um dos aspectos menos curiosos dessa criação contínua do homem, que se constitui pouco a pouco, por uma espécie de desvio do instinto, numa linguagem espiritual e ideal, tão bela na sua imprecisão, quanto frágil, arbitrária e efêmera". De fato, a música teve, desde as civilizações primitivas, uma evolução mais considerável que a de todas as outras artes. Elevou-se de uma simples sensação até o sentimento e deste à espiritualidade, atingida pela música pura. Assistimos, no decorrer dos séculos, à invasão continua da inteligência no domínio da matéria musical. A evolução do espírito teria por consequência tornar a música pura acessível e agradável a todos, compreendida e gozada intensamente por todo o mundo e não apenas reservada a uma minoria. Mas admitir isso é concordar que a música está na vanguarda de todas as outras faculdades desinteressadas do homem e que ela atingiu o seu ponto de chegada.

Essa hipotese é, no entanto, dificilmente compativel com o fato de formar a evolução um todo. Irá a música se complicando até o excesso ou antes as gerações futuras irão assistir a uma simplificação semelhante à que foi sonhada pelos "nuove musiche" de Florença, no começo do século XVII? Queriam êles repudiar as complicações e sutilezas da poliformia dos contrapontistas, voltando à pureza da monodia antiga. Quem se animaria a afirmar o sentido da evolução da música nas idades futuras? O que ressalta da leitura do livro do sr. Cuvelier é que a relatividade da cousa musical", propter natura hominis", faz com que a música concebida pelo homem, só tem sentido e valor para êle próprio. Acrescentamos, por nossa conta, que só tem valor e sentido para os homens de uma mesma época, porque é também uma relatividade "propter personam suam", a que faz os homens se distinguirem uns dos outros no tempo e no espaço tornando cada um dêles uma criatúra única e original. O riso que Molière provoca é o fruto de sentimentos quase idênticos entre todos os espectadores, mas a música acarreta uma infinita variedade nos seus efeitos porque atinge ainda mais o fundo misterioso e múltiplo do sêr, movimentando impulsos menos uniformizados do que os do pensamento e da emoção literária. Está mais intimamente ligada ao fisiológico em cujos meandros mergulha e cresce.

A emoção de ordem musical se aproxima da que tem as suas raizes num sentimento afetivo. Mas, só pode ser provocada por circunstâncias peculiares a cada indivíduo e uma certa e determinada música desperta em cada um de nós, acidentalmente, recordações inconscientes, sonhos adormecidos no esquecimento diferentes para cada indivíduo. Ela, é, antes de mais nada, efusão e libertação. O poeta já o havia dito antes do filósofo: ela é a selva do amor.

Ignacio Silone

(Conclusão da página anterior)

vem da terra, o camponês.

Em apôio á nossa afirmação citaremos algumas palavras de Georges Duhamel por ocasião de ser realizado o XIV Congresso Internacional dos P. E. N. Clubes, em Buenos Aires, em 1936:

"Um escritor realiza sua função social quando nos ajuda a compreender melhor o homem e o mundo, quando é verdadeiramente um descobridor, um inventor, um liberador, já seja que esta faculdade de liberação se exerça imediatamente sôbre os seres, se acontecimentos, os fenômenos, ou indiretamente sôbre os pensamentos e as obras de um homem, de um povo, de uma civilização".

Se não bastassem suas obras precedentes, com fôrça suficiente para classificá-lo como escritor social, agora temos "A Semente sob a Neve", que é uma afirmação do amor que tudo dá, sem esperar nenhuma paga. Na ação dêsse seu romance, Ignacio Silone nos mostra que é preciso amar os homens mais que as ilusões e mais que a verdade.

A MORTE DE MAURICE BLONDEL

SILVIO DE MACEDO

NOTICIAS mui recentes da França nos dizem da morte do grande filosofo Maurice Blondel ocorrida em "Aix-en-France". E algumas palavras se impoem que sejam ditas, sobre o admiravel autor de "LACTION".

Naturalmente que há quêm pense consistir a filosofia francesa contemporanea apenas no duelo entre a filosofia tradicional e o positivismo, sem atinar para a extrema variedade e complexidade das inumeras posições filosóficas que se distribuem no "planalto" dos debates ardentes e infindaveis.

O pensamento católico, na França — e aqui queremos frisar um exemplo —, não se resume na posição tomista ou neotomista, com Jacques Maritain, — O notavel autor de "LES DE'GRE'S DU SAVOIR" e "LA PRIMAUTE" DU SPIRITUEL". Notam-se, ainda, a posição do não menos notavel Gabriel Marcel, que é "existencialista", e a posição de Maurice Blondel, que é "ativista".

Três aspectos, com diversa formulação e ressalte, que se excluem, do mesmo pensamento catolico.

Maurice Blondel realizou uma obra profundamente original e sobre cujos resultados não podemos avaliar superficialmente. Tal a amplitude dessa obra que um labor alongado de análise critica estaria exigir a lucidez de uma inteligencia capaz para penetrá-la em todas as direções, ao mesmo tempo que uma constante compenetração com os demais sistemas filosoficos.

O autor de "L'ACTION" procura elaborar uma sintese intelectual que supere ao mesmo tempo o Pragmatismo e o Racionalismo. Os problemas humanos não são resolvidos nem se apelando para uma critica da razão pura, para uma lógica pura, tão pouco para um pragmatismo que só vê as aparências sensiveis, que não discerne atrás dessas aparencias o mundo encoberto dos motivos mais profundos.

A "inteligencia" do Racionalismo, que termina numa "cognitio per notiones", é superada, em Blondel, por uma "inteligência" que tem o valor de "posse", de "presença". Daí, no ativismo espiritualista blondelano, o "conhecimento-essencia" ser substituido ou ultrapassado pelo "conhecimento-existencia".

Blondel centraliza o problema fundamental de sua filosofia no sêr, que, para ele, é ação. Só se conhece quem age. Não se deve separar o conhecimento, o processo intelectual, da ação, porque conhecimento é tambem ação, e nem se podem separar no plano da realidade. "Aquilo que eu considero impossivel — diz Blondel — impossivel e ilegitimo, é isolar o intelecto especulativo e abstratamente, teórico, separar a função cognitiva e a função ativa do espirito, separar artificialmente o aspecto lógico e o aspecto moral e religioso da unidade viva de um mesmo destino humano".

O problema do nada, em Blondel, revela uma impossibilidade natural, porque a vontade só pode querer algo e quando nós procuramos objetivar o nada, como em Nietzsche, praticamente esse nada não revela uma ausencia, mas oculta uma realidade que se esconde no mundo abismal do inconsciente. As diferentes valorizações do problema não excluem essa definição, essa "notio" primária.

Mas, se não ficamos aí, no terreno das noções, se procuramos operar a sintese do conhecimento, de pensamento e, ação, chegamos, com Blondel a evidenciar o sentido, a realidade de "presença" de "posse" de todo verdadeiro conhecimento do problema humano.

O ativista, o presencialista Blondel, não admite que o Conhecimento seja apenas o resultado de uma "consciencia das relações". Para ele, o conhecimento só vêm com a "posse". Desde que um homem vive uma determinada experiencia, cientifica, religiosa, moral ou amorosa, por uma consciência aguda dessa realidade ele chega a exercer uma posse, uma presença, um conhecimento concreto... Verificamos que na filosofia blondelana, não pode ter sido estranha a mensagem de um Dilhey ou de um Bergson.

Mas, no autor de "L'ACTION" a recuperação metafisica levará a uma culminação de ordem ética. A ação — como integração do pensamento e do agir — desdenha o puro esteticismo... esta espécie de "displiscência" ante as posições definidas. Todo homem encontra a sua realidade na ação. Mas, esta, objetiva um fim de ordem moral.

O espirito de Maurice Blondel, dos mais lucidos e viris do pensamento contemporaneo, devassa profundamente os problemas humanos no seu "L'Action — ESSAI D'UNE CRITIQUE DE LA VIE ET D'UNE SCIENCE DE LA PRATIQUE".

A ARMADILHA

LEDO IVO

MUDA O TEMPO E O DIAMANTE
CRESCE NUM PUDOR DE ALBA.
ANTIGAMENTE MEUS AMIGOS
JOGAVAM PÔQUER Á TARDE.

O QUE É VIDA, ESVOAÇA. A ERVA HESITA
DIANTE DAS COVAS ABERTAS.
DE TEMPO ME FALA O POSTAL
ONDE TE ERGUES, CIDADE.

RESPONDE-ME, Ó CHUVA QUE SECA
O DURO ENCANTO DAS CALÇADAS.
A BICICLETA NA PRAIA
É A MORTE OU É A VIAGEM?

Letras Rumenas

Ambiente e Alma do Povo Rumeno

ALEXANDRA HORTOPAN

II

Os trajes dos rumenos lembram os dos velhos dácios: os mesmos calçados originais, chamados opinci, os mesmos bonets de pele de ovelha; e os pastores e os camponeses das montanhas usam ainda hoje a capa comprida de pele de então, a "suba" que os protege do frio cruel. As camisas são de linho branco, bordadas pela camponesa nas mangas e no peito, com lindos motivos geométricos, em côres variando conforme a região: negros e sóbrios no sul da Transilvania, apresentam, no Banat e no Muscel, uma espetacular variedade e riqueza. Em algumas regiões, especialmente na Oltenia, as calças são brancas, estreitas, enfeitadas com motivos em sutache negro aplicado, e usa-se uma veste em pele branca, sem mangas, vestida com os pelos para dentro e enfeitada da mesma maneira. Em outras regiões, o traje é mais simples: calças em fazenda ordinária, escura, com só a camisa bordada, vestida como uma túnica. Mas todos usam um cinto largo e bem apertado, seja de couro ou de tecido de lã — tambem uma relíquia dos velhos trajes dácios.

Os trajes das mulheres apresentam ainda maior variedade. Todos têm de comum a camisa bordada, mais rica ainda do que a do homem, e aqui também distingue-se o negro sóbrio do sul da Transilvania, da variedade e profusão de cores das outras regiões. Palhetas de ouro brilham entre as flores estilizadas, combinam-se com estas em motivos, sempre geométricos, de rara beleza.

As saias, feitas duma fazenda de lã, usualmente entre negro e vermelho, na qual os motivos geométricos caracteristicos são tecidos, muitas vezes com fios de ouro, adotam várias formas: saia larga e franzida em Valcea; um pano retangular enrolado no corpo sem costura nenhuma, e pegado no cinto; dois ventais, também únicamente pegados no cinto, penduradas na frente e atráz, em Gorj, e alguns distritos da Transilvania; e, o mais esquisito, no Banat, uma cascata de fios multicores e sedosos, lembrando a saia havaiana...

Na cabeça, em algumas regiões, elas usam um pano negro, simples, amarrado atráz ou sob o queixo. Na maioria das regiões, porém, as moças solteiras costumam andar de cabeça descoberta, enquanto que a mulher casada usa um pano comprido — uns dois a três metros — de sêda branca, a marama, cujas extremidades penduram-lhe como um manto nos ombros, atingindo as vezes os pés.

A única joia da mulher rumena é a salba, um colar feito de velhas moédas de ouro. As moças usam frequentemente flores nos cabelos que pendiam em tranças, sendo o cabelo solto sinal de luto.

O traje de camponês rumeno é inteiramente um produto do trabalho da rumena. E' ela quem trabalha a lã, o linho, o algodão, o canhamo e até cria o bicho da sêda, torce, tece, tinge, borda e costura. Os próprios calçados são feitos pela mão do camponês.

Este também é um hábil escultor, que nas noites de inverno esculpe mil coisas de madeira: cofres enfeitados de verdadeiros baixo-relevos, rocas, canecas de madeira e os portais que parecem uma renda, tão carinhosamente trabalhados. A ceramica dêle é uma verdadeira joia, como formas e cores. As casas, na montanha, de madeira, cobertas de "Sindrila", placas de madeira escura, e na planície de tijolos de terra ou de pedra, cobertas de telhado, parecem-se muito na sua construção com as velhas casas coloniais brasileiras, tendo o mesmo terraço coberto á sua volta. Diferem só pelo teto muito inclinado e apontado, a fim de deixar escorregar a neve.

Quasi não se usam cadeiras. Um banco estreito e baixo, coberto de tapetes, corre ao longo da parede, e a mesa fica numa esquina. Cosinha-se na vatra, uma lareira rudimentar, relíquia do "atriom" latino. E não falta em caso nenhuma o recanto sagrado, onde a luz miudinha e clara duma "candeia" ilumina a velha icoana, a imagem da Virgem ou do Cristo, ás vezes dos dois juntos. Será esta tambem um resto do fogo sagrado que a matrona romana nunca esquecia de acender diante dos deuses lares?

Eis o ambiente no qual vive a maioria dos rumenos, povo especificamente agrário. Na roça nasceu a sua arte, a sua música, a sua poesia e os seus ás vezes estranhos costumes... Lembranças remotas de tempos esquecidos? Tragos duma civilização desaparecida? Ou apenas características da sua alma atormentada, sempre á procura duma realização?

Natal na roça rumena é a festa de todos. Mata-se o porco tradicional e a dona de casa não descansa tres dias em seguida a fazer os pratos de Natal. E na vespera de Natal, os garotos apanham uma grande estrela enfeitada de fitas de papel dourado, no meio da qual vê-se iluminado por uma vela o estábulo de Belém, e eles vão de casa em casa cantando... Cantam o "colind", uma canção ao ritmo monótono que descreve o nascimento do Menino Jesus. O tema é sempre o mesmo; há porém milhares de variantes, tendo quasi cada aldeia o seu colind caracteristico.

Comer um leitãozinho assado no forno no 1.º de janeiro dá sorte. Em vez da estrela, sai o "plugusor", um arado enfeitado de fitas coloridas, a festejar o novo ano. Rapazes o guiam nas ruas, cantando votos e jogando trigo nos passantes. As crianças vão com a "sorcova", um ramo de flores artificiais, trazer os seus votos por intermédio duma canção tradicional.

E no dia de Reis, seis de janeiro, batizam-se as aguas. A mais alta autoridade do local sai de manhã, acompanhada pelos seus funcionários e pelo representante da igreja, vai á beira do rio local e, no meio de preces e de orações, joga uma cruz de madeira na água. Uns dois ou tres esportivos pulam atrás dela, recebendo aquele

que conseguir encontrá-la entre os blocos de gêlo, uma boa gratificação.

No dia 1.º de março, as moças ganham pequenos balangandans pegados a um fio de seda branco e vermelho, que devem usar o mês inteiro, para jogar, no dia 31, o fio numa árvore em flôr afim de ter a pele linda como a pétala da flôr de maçã.

Mata-se o cordeiro para Páscoa e se o coelho do ocidente só conseguiu penetrar nas cidades, os ovos coloridos constituem mais uma arte da camponesa. Ela desenha os motivos geométricos de sempre na casca branca do ovo com um pincel molhado numa espécie de cêra, e põe o ovo na tintura.. Tirando o cêra, êste é coberto de lindos motivos, em várias e bonitas côres...

Petencoste é a festa do verão, a festa do campo e da verdura, á qual é ligada a velha dança dos "Calusari". Uma turma de rapazes se enfeita de ramos verdes, pendura pequenas campainhas aos "opinci" e executa uma dança estranha e original que representa o rapto das Sabinas.

Dança-se muito na roça rumena e, em tanto que se dança, ninguem canta, só de vez em quando alguem grita alguns versos irônicos, quasi sempre improvisados. Dança-se rodas harmoniosas, a hora melodiosa e melancólica, batutas — sim, batutas mesmo — vertiginosas e danças caracteristicas a cada região, como "alunelul dela Gorj", ritmado, apaixonado e rápido, oú o "Ciobanasul" da Transilvânia, uma das poucas contradanças. Usualmente, dança-se em cordões fechados ou abertos, segurando o vizinho pela mão, ou estendendo os braços numa corrente.

No inverno, dança-se menos do que no verão, sendo as dansas rumenas danças de ar livre. No inverno, reunem-se os camponeses ao pé da lareira a conversar, a contar e a contar.

Os velhinhos da roça rumena, velhinhos de barba branca e olhos bondosos, sempre sabem contar alguma coisa... Contam histórias fantásticas da vida de Fat-Frumos, o principe encantado, da vida de Ileana Cosinzeana, a linda princesa enfeitiçada que sofre e espera o príncipe amado o qual só a pode salvar... E dos combates terriveis de Fat-Frumos, com dragões de tantas cabeças e gigantes que vivem comendo carne humana e só são capazes de fazer o mal, com o pequeno e travesso Statu-palma, o homenzinho da selva, ou Stramba-Lemne (gigante da floresta) ou ainda com a peor de todos, a velha e malvada feiticeira Dokia, o terror da criançada, prima da mãe da floresta, esta outra velha miserável que só vive a atormentar os cultos. Ás vezes êle tem tombem de se defender contra as armadilhas das "ianziene" ou das "res "Rusalii", lindas mulheres sem alma que atraem os moços nos seus paráclos encantados para perdê-los. Pode porém o herói contar sempre com o auxilio das múltiplas e bondosas fadas, das sete santas da semana cada uma das quais representa um dia cujo nome usa, ou ainda do seu cavalo encantado que, além de voar como o vento, sabe falar e fazer mil coisas uteis...

O tema do conto de fada rumeno é simples: uma princesa é enfeitiçada e atormentada por uma força má qualquer, e um príncipe generoso vai percorrer o mundo á procura de felicidade dela. Arazam-se mil aventuras diversas e variadas, mas êle sempre consegue chegar a tempo para arrancá-la das garras dos seus carcereiros... "e festejaram o seu casamento oito dias e oito noites"... assim acabam quasi todos os contos de fada do velhinho que fuma o seu cachimbo ao pé da lareira. Nos seus olhos bondosos aparece a sombra duma lágrima, o clarão duma indefinível nostalgia... Está com saudades, com saudades do mundo encantado e feliz dos seus contos... E Ion, o pastor, vendo o olhar de Mos Dumitru, começa a cantar a triste canção do jovem que se perdeu nas brumas do Morro das Saudades...

E assim nasce uma das mais ricas poesias populares do mundo: espontaneamente. Há canções cuja letra é velha de séculos, há outras que surgem cada dia. A poesia popular rumena é uma poesia genuinamente oral.

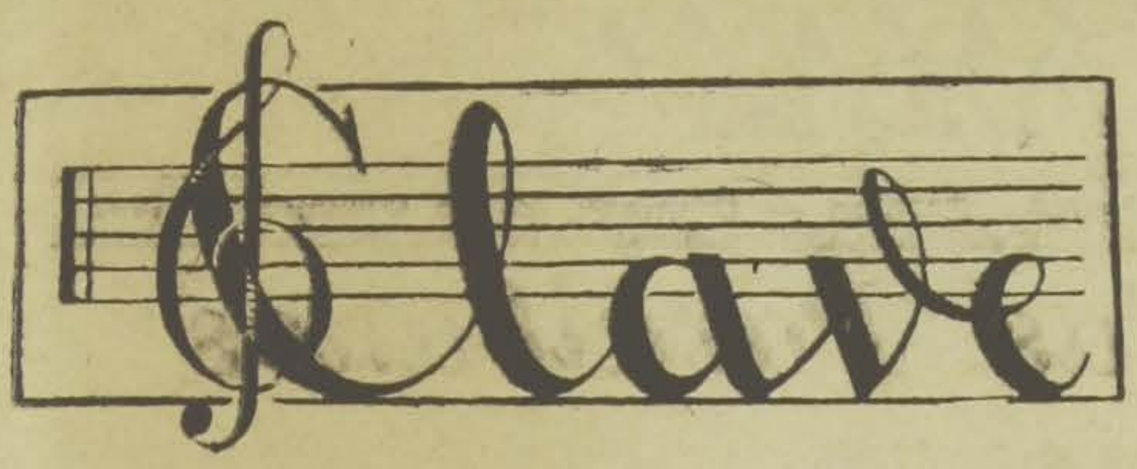
Nasce na roça, nasce não se sabe onde, aos pés duma lareira, na boca dum camponês, dum pastor, duma mocinha ou dum velhinho que a canta numa reunião qualquer, e de lá ela vai se espalhando pelos campos, voando de boca em boca, de coração em coração, trazendo nela a amargura, a fé e as saudades de todos. A poesia popular rumena e uma obra coletiva. Não pertencendo a nenhum, pertence ao povo inteiro, cuja alma nela vive e chora, ardente e dolorosa, tão dolorosa...

Há doçura nas estrofes cujo ritmo lento, um tão pouco monotono canta nos lábios. Doçura resignação, e uma profunda nostalgia.

Há tormento nos suspiros da doina, da doina que traz nela tudo que êste povo tem de desiludido e de amargo na alma.

A morte e o amor são os principais temas tratados, unidos ás vezes na triste história dum amor infeliz, e a contemplação da natureza é como um fio de luz que corre através toda a poesia popular.

PORTINARI — MULHER CHORANDO



LOUVOR AO FONOGRAFO

JOÃO DA VEIGA CABRAL

NO TERRENO da arte — atendo-nos a ele — um só homem pode representar e imortalizar uma nação. Se a Alemanha só tivesse frutificado num João Sebastião BACH, teria gloria para resto dos séculos. O mesmo sucederia à Italia, somente com a obra de um Verdi. Para que a França não morra jamais, basta-lhe um gênio como Debussy. A Polonia deu Chopin e não precisa fazer mais nada neste mundo. Gente assim, dessa marca, justifica mesmo a existencia da criatura humana sobre a face da terra.

No século XIX, a música do continente americano apresentou-se no concêrto universal pela criação de dois gênios: um compositor e um inventor. Quem sabe dizer melhor a coisa é Mario de Andrade. Ele sabia dizer as coisas de um jeito que as tornava ditas para todo o sempre. No século XIX, escreveu o grande mulato — "O Brasil inventou Carlos Gomes, enquanto que os Estados Unidos da América inventavam u'a máquina... "o fonógrafo. "Carlos Gomes e Tomás Edison, portanto, foram os homens que, naquela centúria, afirmaram ao mundo o espírito, o poder criador das gentes do Novo Continente. O compositor brasileiro, com a mensagem de uma grande música nascente. E o colôsso da electro-mecânica pondo a serviço da Arte as forças da materia. Achando o meio de engaiolar o som num bocado de cêra de carnaúba, dava Tomás Alva Edson à Humanidade a mais gloriosa invenção que a ciência já produziu, em todos os tempos. Ele conquistou, assim, para a sua Pátria, um tão alto título de benemerência... musical que nos faz esquecer, desculpar, a fraqueza da propria música norte-americana, a mediocridade cinematográfica, circense dos seus compositores...

QUANDO a gente conduz para casa, por exemplo, um album de discos, contendo uma gravação da Nona Sinfônia de Beethoven, executada pela Orquestra Sinfônica de Londres, tem a impressão, quasi de mêdo, de que carrega a Via Láctea num embrulho. E temos que pensar, comovidos: Que seria de nós, os habitantes destes imensos cafundós de Judas do Norte Brasileiro, que seria da nossa vida artistica, do nosso amor pelo belo, pela Música, pelas coisas do espírito se não fôra o gramofone que aquele americano adoidado inventou? Sem orquestras, sem teatros, sem instrumentistas, sem coisa nenhuma, nesta cachorral pobreza artistica em que vimos vivendo, o que seria de nós, sem os abençoados discos e as abençoadissimas vitrolas? Outras aterradoras interrogações, ainda: Como conheceriamos Beethoven, Mozart, Haydn, Schumann e os outros, essas gigantescas pedras fundamentais do edificio musical? Como saberiamos o que são, na sua realidade, as suas linhas formais, o seu conteúdo melódico-harmônico, um quarteto, uma sinfonia, um oratório, uma ária, uma sonáta? E — esta agora é mesmo de arrepiar — como travariamos conhecimento com o nosso proprio Carlos Gomes, de quem tão patrioteiramente nos orgulhamos? Ninguem venha dizer que, para quem sabe música, bastará adquirir as partituras das obras que deseja conhecer e empreender uma leitura atenta das mesmas. Historia fiada. A música só entra na alma da gente por via da audição. Beethoven "ouvia" música com os olhos porque era surdo. Surdo e gênio. Mas somente Deus sabe do seu martirio, diante do abismo de silencio que o separava da sua arte adorada.

A ciência e a industria americanas receberam de Edson o seu fonografo e estão fazendo com ele verdadeiras maravilhas de constante aperfeiçoamento. Depois do famoso gramofone, apareceu a vitrola, de som mais puro e agradavel. E agora nos estão fornecendo uma porção de aparelhos simplesmente admiraveis, de uma sonoridade nítida, brilhante, volumosa que alcança quasi a realidade das músicas gravadas. Os grandes compositores, as mais notaveis orquestras do mundo, os maiores virtuoses estão ao nosso alcance, a qualquer hora em que os queiramos ouvir. É só virar uma chave e pronto: o céu está dentro de nossa casa. A eletróla é a maquina de fazer delicias. É, assim, uma fonte de felicidade ao alcance de muitos...

Louvor, pois, a Edson e à sua maquina. Por eles, entrou a Norte America na Historia das Artes. Porque se esse povo não deu gênios à Música, até agora, deu — o que é muito — um mensageiro aos gênios da Música Universal.

AOS DISCÓFILOS

A Casa Odeon, à Rua Maciel Pinheiro, desta Capital, recebeu e tem à venda varios albuns de discos. Entre outros, recomendamos aos melómanos, os seguintes: MOZART — Sinfonía n. 38,K 504, em Ré Maior — Orq. Sinfônica de Viena; MUSSORGSKY — Quadros de Uma Exposição — Pianosólo — Alexander Brailowsky; BEETHOVEN — 6.ª Sinfonía, em Fá Maior, op. 68 (Pastoral) — Orq. Sinfônica N. B. C. Regencia de TOSCANINI. Todos de gravação "Victor".

ANTOLOGIA DE POETAS PARAIBANOS

(Conclusão da última página)

SAUDADES

Tenho saudades, sim, do mar bonito,
Que banha, soluçando, a minha aldeia,
Natalicio torrão, de onde se alteia
Meu peito para as cousas do Infinito.

Que lá foi que escutei todo esse grito
Das aguas do Oceano sôbre a areia,
Qual vasto coração, que se pranteia
Das dôres, que padece o Mundo aflito.

De tudo onde eu nasci padeço a falta.
E o mar já me pergunta: Porque choras,
Assim, paãre e poeta, em voz tão alta?

Saudades, — bentevis de meu Destino, —
Quizera eu só sentir, nestas deshoras,
Saudades de mim mesmo pequenino.

Correio das Artes

ANO I Número 31 — Suplemento Literário de A UNIÃO — João Pessoa, Paraíba — Domingo, 23 de Outubro de 1949

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

MATIAS FREIRE

1882 — 1947

MATIAS FREIRE, nasceu aos 20 de agosto de 1382. em Mamanguape, sendo seus pais o sr. Flavio Freire e d. Ana Leal Freire. Era neto do Barão de Mamanguape, politico no tempo do Imperio e sobrinho do mons. Walfredo Leal. Aos cuidados deste, matriculou-se no Seminario da Paraiba em 1895 onde fez todo o curso eclesiastico. Ordenou-se por sua Excia. D. Adaulo, então Bispo da Paraiba, na Capela do Palacio da Soledade, no Recife, no dia 24 de fevereiro de 1905. Exerceu varios oficios eclesiasticos: Coadjutor de Gucrabira e da freguezia de N. S. das Neves nesta capital; Capelão de Cabedêlo e do Hospital Santa Isabel; prof. do Ginasio Pio X, Escola Normal e Instituto de Educação, do qual foi diretor; deputado estadual, presidente da Assembléia Estadual, e deputado federal até o golpe de Estado de 1937. Foi ainda vigario da Catedral Metropolitana de 1917 a 1925. Antes mesmo da ordenação já estivera como prof. e diretor no Colegio Santo Antonio, de Natal.

Os pendores literarios despertaram na sua vida, quando ainda estudante no Seminario. A sua opulenta bagagem poética ficou dispersa nos jornais e revistas do país como uma das mais belas contribuições ás letras paraibanas.

A Academia Paraibana de Lêtras tem, hoje, sob a sua guarda o seu livro inédito de poesia dividido em cinco partes, assim intituladas: "Ritmos Diversos", "Soliloquios". "Tarde de Outono", "Manhã de Primavera", e "Ao Cair das Pétalas". Foi ainda o cônego Matias Freire um dos mais vigorosos jornalistas paraibanos, tendo sido diretor da "A Imprensa", orgão esse que teve a honra de recolher as suas últimas colaborações, como tambem, foi um dos socios fundadores da Academia Paraibana de Letras e seu vice-presidente.

Faleceu na manhã do dia 30 de março de 1947.

ROMARIA

Virgem das virgens, eu de longe venho,
Ao sol ardente e á poeira aborrecida,
Buscar a sombra e a paz de tua ermida
E nisto ponho o mais sagrado empenho.

Dentro em minh'alma tua imagem tenho,
Branca, rezando, meiga, aparecida,
Como a aurora de amôr de minha vida,
Como a estrêla polar de meu engenho.

Padre e poeta, arcanjo e passarinho,
Vim eu viver, dormir, sonhar, sosinho,
Nesses degráus de luz de teu altar.

Abre o teu nicho e guarda-me contigo,
Para ouvires, de perto, um teu amigo,
Entre beijos e preces, te cantar.

ALTOS COQUEIROS

Altos coqueiros lá da praia linda,
Onde eu nasci e me embalei nos sonhos
Da meninice, inda viveis risonhos
E balançando a meus olhares, inda.

De vossas sombras eu jamais prescinda;
Que seus modêlos inda guardo e ponho-os
Naqueles versos, tanto mais tristonhos,
Quanto mais filhos de saudade infinda.

Padre e Poéta, — acendo os meus altares
Ao Bélo Eterno e ás musas tutelares
E eu rezo e canto no maior missal.

E, se paisagens lá do céu invento,
Vejo coqueiros balançando ao vento
Do mar bonito, em meu torrão natal.

MEU SONHO DE CREANÇA

Lados coqueiros. Mar. Vibrantes passarinhos.
Dias de lindo sol.-Noites de alvas estrelas.
Ventos de norte e sul içando as altas velas
Dos barcos de pescar. E sacudindo os ninhos.

É tudo aurora e vida. A' margem dos caminhos
Os bentevis em festa. As árvores mais belas
Em tôrno á nossa casa. Adornando as janelas
Florido jasmineiro e alguns búzios marinhos.

A prece. Minha mãe, de olhos doces. bonitos,
Erguidos para o Alem. E minha irmã Flaviana
Cantando, face ao luar, modinhas e benditos.

Eis, meu torrão natal, a estética lembrança
Que és sempre para mim! minha saudade ufana,
Meu deslumbrante amôr, meu sonho de creança.

SONHOS

Si belos sonhos eu sonhei na vida,
Fôram só, numa crise passageira,
Esse anceio de gloria, que á poeira
Do fastigio dos homens nos convida.

Minha mente, de certo, era atrevida
Em querer distinguir-se na carreira
Das letras e virtudes, á altaneira
Estatura de um Dante ou Malagrida.

Hoje, nas sombras da velhice, canto
(Não em versos amargos ou tristonhos)
O que me resta de alegria e pranto.

E meu sacrario de saudades, quando
Abro, acredito que dos belos sonhos
Nem a saudade me ficou, chorando.

(Conclui na página 15.ª)